



PROFLETRAS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede
(PROFLETRAS) – Unidade Itabaiana

**PROCESSOS FONOLÓGICOS NA ESCRITA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Itabaiana/2016

PROCESSOS FONOLÓGICOS NA ESCRITA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Débora Cunha Costa
Joelma Márcia Santos de Oliveira
Suzete Silene Soares Dias

RESUMO

Este artigo, intitulado "Processos fonológicos na escrita: considerações sobre língua portuguesa" parte do pressuposto que os conhecimentos fonológicos para a área da educação são essenciais para que o aprendizado da leitura e da escrita sejam efetivados. Dessa forma, propõe-se neste trabalho, a partir da análise de textos de alunos do 6º ano, a sistematização dos principais processos fonológicos da língua portuguesa e tem-se, como principal objetivo, identificar os possíveis segmentos fonológicos que possam interferir na produção textual dos alunos e propor algumas considerações metodológicas que contemplem a concretização de práticas que favoreçam o ensino de língua portuguesa. Utilizamos a pesquisa de campo, especificamente, fizemos um estudo de caso. Para análise e interpretação dos dados, optamos pela pesquisa quantitativa e a qualitativa. Como aporte teórico, as pesquisas e estudos aqui dirigidos baseiam-se principalmente nos conceitos teóricos de Alexsandro da Silva (2007), Dermeval da Hora (2009), Thaís Cristófaró Silva (2003) e Isabel Seara (2011) com os estudos de fonética e fonologia; os estudos de Eleonora Maia (1985) a respeito da linguagem e o sons do português; as relações entre fala e escrita com as contribuições de Luís Antônio Maschuschi (2003) e Darcília Simões (2003). Para a implementação deste projeto serão apresentados os quatro tipos de processos fonológicos segmentais dos quais serão destacados as subclassificações presentes nos textos analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua portuguesa. Fonologia. Metaplasmos. Produção escrita.

INTRODUÇÃO

O trabalho com a leitura e a escrita em sala de aula sempre requer maior atenção por parte dos professores, já que as dificuldades que o aluno tem em realizar estas duas práticas são tidas como os maiores obstáculos para se obter o sucesso escolar. Dessa forma, torna-se cada vez mais emergente a necessidade de professores aptos a lidar com estas dificuldades, por isso, capacitações/qualificações docentes acabam ocupando um lugar central para o crescimento profissional e conseqüentemente favoráveis à boa formação discente.

Este artigo destina-se a apresentar a necessidade dos conhecimentos teóricos acerca da Fonética e Fonologia que o professor de Língua Portuguesa deve obter para (que alguns processos de desvios ortográficos ou linguísticos, como define a Gramática Normativa, sejam compreendidos, analisados e superados. Vale ressaltar que os estudos sobre Fonética e Fonologia são fundamentais para que os aspectos da variação da língua oral e escrita sejam trabalhados de forma adequada durante o processo pedagógico.

Sobre Fonética e Fonologia o gramático Evanildo Bechara expõe a seguinte definição: "a fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades" (2009, p. 53). Dessa forma, este texto justifica-se pela necessidade do conhecimento e inserção dos conceitos fonéticos e fonológicos no processo ensino-aprendizagem, principalmente no ciclo do ensino fundamental em que a língua materna está sendo inserida em diferentes interações sociais.

Segundo Faraco, o professor "precisa, dentre outras coisas, ter um bom conhecimento da organização do nosso sistema gráfico para poder melhor sistematizar seu ensino; para entender as dificuldades ortográficas de seus alunos e para auxiliá-los a superá-las" (2000, p. 9). Assim, convém salientar a importância do professor de Língua Portuguesa em apreender conhecimentos sobre a organização do sistema linguístico e suas particularidades, para que, dessa forma, possa contribuir no processo da leitura e da escrita de seus alunos.

Outro fator que contribui para a pouca aplicação dos estudos fonéticos e fonológicos no ensino de língua portuguesa é que, em sua grande maioria, os professores desta respectiva área, durante o processo de formação docente tem pouco contato com a fonética e fonologia, visto que ainda são áreas com número restrito de professores, principalmente se levarmos em consideração o grande contingente de profissionais que atuam na área de teoria literária. Talvez por essa razão, parte dos professores acadêmicos que fica responsável por estas disciplinas admite não possuir os conhecimentos necessários para um estudo mais

aprofundado da fonética e fonologia e, sobretudo, na aplicação destas para a compreensão das dificuldades do alunado no processo de aquisição ou aperfeiçoamento da língua escrita.

A respeito dessa resistência aos estudos fonéticos e fonológicos, Cláudio Cezar Henriques, Professor Titular de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ, afirma, na apresentação da obra *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*, de Darcília Simões, que “a insistência no ensino exclusivamente descritivo dos itens referentes à fonética e à fonologia, dissociados de sua aplicação real e expressiva na língua viva, têm contribuído para a exclusão – nem sempre disfarçada – desse assunto das preferências e galerias acadêmicas” (2003, p. 9). Ainda acrescenta que “a fonologia e a fonética estão de braços dados com a ortografia, a ortoépia e a prosódia, e as consequências da quase sempre tardia revelação dessa parceria são por demais conhecidas de todos [...]” (IDEM, *ibidem*).

Nesta acepção, o presente estudo justifica-se pela necessidade de se observar o nível de escrita de alunos do 6º ano de uma escola da rede pública estadual, município de Monte Santo – Ba, e a devida aplicação dos estudos de fonética e fonologia para análise dos possíveis eventos fonéticos e fonológicos presentes na escrita dos textos, previamente recolhidos. Além disso, objetiva-se encontrar possíveis explicações para alguns problemas de natureza gráfica, bem como propor estratégias que auxiliem na prática do ensino da língua escrita.

O presente artigo encontra-se subdividido em três partes: fundamentação teórica, na qual serão abordados os principais conceitos sobre Fonética e Fonologia, em especial, os fundamentos que tratam do processo da escrita; na segunda parte, o trabalho será dedicado à análise fonética e fonológica dos textos coletados, a fim de observar quais processos encontram-se presentes na produção linguística escrita dos alunos; por fim, serão retomados os conceitos sobre a temática tratada neste trabalho, expostos resultados obtidos na pesquisa e elucidaremos propostas interventivas de como trabalhar esses processos nos textos escritos.

Para fundamentar nossas análises, buscou-se como principais embasamentos teóricos, os conceitos acerca do trabalho de ortografia em sala de aula, de Alexandro da Silva (2007); as contribuições de Dermeval da Hora (2009), Thaís Cristófaró Silva (2003) e Isabel Seara (2011) nos estudos de fonética e fonologia; os estudos de Eleonora Maia (1985) a respeito da linguagem e o sons do português; as relações entre fala e escrita com as contribuições de Luís Antônio Maschuschi (2003) e Darcília Simões (2003), de forma a dialogar com as reflexões a respeito da relação entre ensino de língua na Educação Básica, especificamente no ensino fundamental, com as áreas de fonética e fonologia.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa

Durante as décadas de 60 e 70 o ensino de Língua Portuguesa era orientado pela perspectiva gramatical, esta, por sua vez, ainda parecia adequada, pois os discentes falavam uma variedade linguística que se aproximava da variedade padrão. No início dos anos 80, uma nova crítica foi estabelecida possibilitada pelos avanços nas áreas de educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita (PCN, 1998).

Entre as críticas mais frequentes que se faziam ao ensino tradicional destacavam-se: a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos; a excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de texto; o uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais; a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão; o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas; a apresentação de uma teoria gramatical inconsistente uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada. (PCN, 1998, p. 18)

A partir destas críticas, deu-se origem à revisão das práticas de ensino da língua, com o intuito de ressignificar a noção de erro, promover a aceitação das variedades linguísticas usadas pelos alunos, na maioria das vezes estigmatizadas socialmente, como também, o trabalho com textos reais e a valorização das hipóteses linguísticas concebidas por eles no processo de reflexão sobre a linguagem. Estas propostas de mudança no ensino de Língua portuguesa levaram à percepção de que tanto o ponto de partida quanto o de chegada, no que se refere à prática de ensino, deve ser a linguagem. Para isso devem ser consideradas:

[...] a razão de ser das propostas de leitura e escuta é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio; a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a interlocução efetiva, e não a produção de textos para serem objetos de correção; as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos (PCN, 1998, p. 19).

É, portanto, na percepção das situações discursivas que o aluno poderá se constituir como cidadão e exercer seus direitos como usuário da língua (SANTOS, 2007. p.174). Diante do exposto, faz-se necessário envolver o aluno durante as aulas de Língua Portuguesa com atividades contextualizadas, próximas de situações reais vivenciadas por ele e através delas promover a reflexão do uso da linguagem em vários aspectos, dentre eles, o fonológico. Este trabalho em sala de aula terá como resultado falantes dotados de consciência fonológica,

impedindo, assim, grafias inadequadas como também, evitará o preconceito linguístico já que eles terão oportunidade de conhecer as variações linguísticas existentes e a sua importância na formação da identidade do povo brasileiro.

1.2 A importância da Fonética e Fonologia no ensino de língua

O processo de apropriação da leitura e o domínio da língua escrita é algo complexo, pois demanda tanto a compreensão do sistema alfabético ortográfico e a camada fônica da língua portuguesa, quanto suas unidades, construções e processos estruturais. Nesta acepção, o professor de língua materna precisa estar instrumentalizado com um conhecimento técnico pedagógico para nortear a sua prática em sala de aula, bem como ter subsídios teóricos na resolução dos problemas enfrentados no ensino aprendizagem da leitura e escrita em sala de aula.

Nessa perspectiva, os conceitos da fonética e fonologia se constituem como importante ferramenta a ser utilizada pelo professor de língua materna, pois serão eles a fornecer conhecimentos acerca dos “aspectos fônicos da língua portuguesa a serem considerados durante o aprendizado da leitura e da escrita” (SIMÕES, 2003. p. 15). Além disso, o domínio da língua, especificamente na forma escrita, não se adquire de uma hora para outra, mas se faz mediante o exercício da oralidade, da leitura e da escrita simultaneamente.

De acordo com Darcília Simões (2003), a fim de tornar o processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa, mais coerente, menos memorizante, no qual o aluno possa apreender as estruturas da língua com maior compreensibilidade, é imprescindível que o professor propicie a conscientização da camada fônica da língua portuguesa e mostre seus reflexos e interferências no uso escrito. A autora ainda salienta que

há estruturas básicas da fonologia da língua que podem e devem ser assentadas desde as primeiras séries do ensino fundamental, para que o estudante obtenha pontos de partida para seu aperfeiçoamento, fundamentando sua prática de usuário da língua com uma boa dose de raciocínio linguístico” (IDEM, *ibidem*).

A tentativa de compreensão dos sons produzidos, na fala, pelos indivíduos, bem como a representação gráfica dos mesmos não é algo recente. Isso pode ser perceptível quando notamos a criação do alfabeto como forma de utilização do material sonoro da língua há quase 2.000 anos a.C. No entanto, foi somente no século XVIII que surgiram pesquisas científicas sistematizadas para estudo dos sons, o que culminou, no século XIX, na Europa, com o surgimento dos estudos fonéticos como filologia indoeuropeia e, no século XX, a fonética

experimental, a partir da observação das alternâncias e oposições dos traços fônicos (BORSTEL, 2008).

De acordo com Thais Cristófaros Silva (2003), a fonética é a “ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana” (p. 23). As principais áreas de interesse da fonética compreendem as da fonética articulatória, auditiva, acústica e instrumental. Para compreensão da produção dos sons que utilizamos na fala, estudamos os aspectos fonéticos do português brasileiro do ponto de vista da fonética articulatória.

Ainda nesta significação, Darcília Simões (2003) afirma que a fonética viabiliza as distinções dialetais que caracterizam comunidades linguísticas e, conseqüentemente, seu subagrupamento *geográfico* (pelas variações diatópicas), *social* (pelas variações diastráticas) ou mesmo *individual* (variações diafásicas). Além disso, é de interesse dos estudos fonéticos as diferentes realizações dos fonemas, o que evidencia a sua importância no ensino de língua portuguesa, pois a partir dessa conceituação, o professor poderá dispor de conhecimentos para trabalhar as oposições fônicas (/f/ e /v/, por exemplo), as diversas concretizações dos fonemas, assim como a variação linguística.

Em se tratando da Fonologia, Simões (2003) a define como “parte da linguística que se ocupa dos *sons da língua*, ou seja, faz o levantamento, classifica e estabelece as distinções básicas entre os fonemas de uma língua, visando à descrição de sua estrutura fônica” (p. 18). Desse modo, “a fonologia não leva em conta as diferenças dialetais, ocupando-se tão somente das diferenças fonemáticas (entre um fonema e outro, como /p/ e /b/, por exemplo), as quais produzem as distinções entre significantes e significados de uma língua” (SIMÕES, 2003. p. 18).

A partir do exposto acima, verifica-se que tanto a fonética, quanto a fonologia constituem-se como ferramentas essenciais ao ensino-aprendizagem da língua materna, principalmente no que concerne ao desenvolvimento do domínio da ortografia, na compreensão de determinados fatos decorrentes da relação som e grafia, no entendimento de equívocos fonéticos e de uso que são bastante corriqueiros na expressão escrita. Para entender alguns fenômenos que surgem no decorrer da escrita, no ensino de língua portuguesa, é pertinente o estudo das mudanças morfofonêmicas, ou seja, dos metaplasmos para que se possa compreender ocorrências de perdas e acréscimos de substância fônica, de fatos captáveis na língua oral e que muitas vezes são transpostos para a escrita.

1.3 Processos Fonológicos

Observando os aspectos históricos da Língua Portuguesa, percebe-se que desde o Latim, o idioma sofre alterações fonéticas. A estas modificações fonéticas que ocorrem em algumas palavras, dá-se o nome metaplasmos. Segundo Marcos Bagno, "metaplasmo é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta. Na mudança do latim para o português é possível detectar alguns metaplasmos que agiram com regularidade nessa transformação" (2007, p. 8).

Assim, esses processos podem ser percebidos tanto do ponto de vista sincrônico, num estágio da língua, quanto do ponto de vista diacrônico, estágios sucessivos da língua, e podem ser subdivididos em quatro formas: acréscimo, supressão, transposição e transformação. A seguir, buscar-se-á a conceituação destes quatro fenômenos a partir dos conceitos fonológicos de Leda Bisol (2005), Marcos Bagno (2007) e Thaís Cristófaros Silva (1999).

Nos Metaplasmos por acréscimo, os processos fonológicos de adição podem ocorrer pela inserção de consoantes, de vogais e de glides no início da palavra - processo denominado de prótese - no segmento medial - epêntese - e no final da palavra, paragoge. Nos metaplasmos por supressão há o apagamento de um segmento (consoante, vogal ou glide) ou de uma sílaba inteira. Quando a supressão ocorre no início da palavra, temos a aférese; no segmento medial, produzindo formas sincopadas, temos a síncope. Um caso de síncope bastante presente no português brasileiro atual é a redução da marca morfológica do gerúndio -nd para n - (escreveno > escrevendo) (MATTOS E SILVA, 1997. p. 57).

Neste processo de apagamento do segmento medial também pode haver a monotongação, quando dois segmentos vocálicos transformam-se em apenas um (dexeí > deixei). Na supressão do segmento no final da palavra, temos o processo de apócope, mecanismo muito difundido no português brasileiro com a supressão da consoante /r/ no final de palavra, sobretudo nos infinitivos verbais. Por fim, têm-se a crase no qual há a fusão de duas vogais iguais em uma só, utilizado também como recurso para a eliminação do hiato.

Os metaplasmos por transposição caracterizam-se pela troca de posição de um segmento dentro de uma mesma palavra e podem ocorrer de três formas: por transposição de consoantes, de vogais ou de elementos suprasegmentais (acentos tônicos). Quando há a transposição de consoantes ou vogais na mesma sílaba, têm-se o processo de metátese, também conhecido por comutação, permuta, deslocamento ou hipértese. Na transposição por elemento suprasegmental, o hiperbatismo, ocorre a mudança de acento tônico de sílaba

numa mesma palavra e pode ser classificada como sístole, quando o acento retrocede para a sílaba anterior e diástole, recuo para a sílaba posterior.

Nos metaplasmos por transformação ou substituição, enquadra-se toda a alteração que um fone ou fonema venha a sofrer. Nesse sentido, há inúmeras alterações de consoantes e vogais que podem ser consideradas “substituições” e que aparecem tanto na forma oral, quanto na escrita do português brasileiro. Quando há a transformação de uma consoante em vogal, temos a vocalização; no processo inverso a consonantização, processo que ocorreu amplamente na transformação das semivogais latinas [i] e [u] nas consoantes [j] e [v] do português, mas que não é comum haver no português atual.

Observa-se também que algumas palavras da Língua Portuguesa evidenciam, ao longo do tempo, a forte influência de outros idiomas e de outras variantes que contribuíram para a formação do português. Isso é perceptível através de um metaplasmo bastante comum em algumas variantes da língua, no qual se pronuncia o /r/ ao invés do /l/, fenômeno linguístico conhecido por rotacismo. De acordo com Marcos Bagno (1997), o rotacismo é “uma tendência natural em transformar em /r/ o /l/ dos encontros consonantais [...], pois o que antes era L em latim, em português se transformou em R” (p. 46). Nesta acepção, nota-se que os fenômenos ocorrentes em [voltar > vortar; Cleuza > Creuza; planta > pranta] possuem explicação no próprio processo de formação da língua portuguesa.

Com relação aos sons nasais, observa-se tanto a tendência de transformação de um segmento oral em nasal [exame > inzami], processo de nasalização, quanto o processo inverso, conversão de um segmento nasal em oral, a desnasalização. Outra modificação refere-se à palatalização, quando o som de um segmento se torna palatal ou semelhante a ele. No português brasileiro contemporâneo nota-se essa transformação principalmente em palavras grafadas com NH e LH, tais como em [junio > junho / filio > filho].

Outro metaplasmo bastante frequente no português brasileiro é assimilação, que ocorre quando um segmento adquire propriedades do segmento mais próximo dele. Os processos de assimilação mais comuns são por ponto de articulação quando, por exemplo, um [n] se torna velar por influência do [k]; o [k] (velar) diante de [e, i] torna-se palatal; o /r/ vibrante vira tepe diante de uma vogal (ex: super amigo); por sonorização ou vozeamento, como por exemplo quando o /s ou z/ torna-se surdo ou sonoro conforme a consoante que lhe segue (ex: rasga, casca). Além disso, os ditongos grafados com “ou” e “ei” também se reduziram por assimilação [ou > o / ei > e], como por exemplo [roupa > r[o]pa; cheiro > ch[e]ro]. Em algumas variedades específicas, também o ditongo “au” se reduz a [o]: saudade > s[o]dade; Aurélio > [o]rélio.

A partir dessa breve exposição a respeito dos metaplasmos, nota-se como o conhecimento sobre as mudanças fonéticas constitui-se como importante ferramenta para que o professor de língua portuguesa possa compreender as hipóteses de escrita levantadas pelos alunos em suas produções textuais e, a partir disso, elaborar propostas de intervenção que visem minimizar as dificuldades deste processo. Nesta perspectiva, Simões (2006) destaca que

O estudo de mudanças morfofonêmicas (metaplasmos), quase sempre reservado à diacronia, pode ganhar um espaço relevante no estudo da fonologia sincrônica, visto que aqueles ocorrem em qualquer tempo nas línguas vivas. Por exemplo, se as variações dialetais fossem observadas no foco dos metaplasmos, seria possível entender o fenômeno das perdas e acréscimos de substância fônica, facilitando o entendimento de determinados fatos captáveis na língua oral e, muitas vezes, transpostos para a escrita. (p. 17).

Conforme podemos perceber, Simões (2006) propõe um novo olhar do docente para as produções textuais dos alunos que muitas vezes aparecem permeadas de “desvios” das normas ortográficas, mas que estes podem ser prontamente explicados sob a ótica da fonologia e da fonética. Além disso, a autora chama a atenção para a compreensão de fenômenos fonéticos e fonológicos ocorrentes na escrita, visto que, em sua grande maioria, são provenientes da tentativa do aluno em reproduzir na escrita a sua fala, principalmente a variante linguística utilizada por ele no seu contexto social.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Nosso corpus é formado por 15 textos, produzidos nas aulas de Língua Portuguesa, por alunos do 6º ano, em uma escola pública municipal da cidade de Monte Santo- BA, destes apenas 2 não apresentavam problemas de ordem gráfica, fonética ou fonológica. Utilizamos a pesquisa de campo, especificamente, fizemos um estudo de caso. Para análise e interpretação dos dados, optamos pela pesquisa quantitativa e a qualitativa.

Para a seleção dos textos foi proposto à turma uma atividade que envolvia leitura e escrita. Primeiro os alunos leram alguns contos e depois relataram o que leram. Após esta atividade, os textos foram recolhidos para leitura e análise por parte das pesquisadoras. Selecionamos os textos que apresentavam problemas de ordem gráfica, fonética ou fonológica. Os fenômenos linguísticos encontrados no corpus da pesquisa foram estudados caso a caso. Para facilitar o estudo e análise, bem como a exemplificação separamos os textos por períodos em que apresentavam metaplasmos. O segundo passo foi encontrar o seu

processo de formação. Os períodos que tinham o mesmo processo de formação foram agrupados e analisados. Em seguida, foram apresentadas sugestões para o professor regente trabalhar em sala de aula e assim, tentar solucionar as dificuldades dos seus alunos no que diz respeito aos aspectos gráficos, fonéticos e fonológicos.

3 ANÁLISE DA PRESENÇA DE METAPLASMOS NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS E SUGESTÕES DE TRABALHO

Conforme já elucidado na parte introdutória deste trabalho, um dos entraves enfrentados pelos professores de língua portuguesa na atualidade, diz respeito aos problemas no ensino aprendizagem da leitura e domínio da expressão escrita. Também é notório que uma grande maioria de estudantes apresenta dificuldades de natureza fônico gráficas, estas, por sua vez, decorrentes da não compreensão dos mecanismos da língua e da alfabetização ainda baseada em métodos de decodificação e memorização, ao invés da consciência fonológica.

Outro aspecto salientado anteriormente, diz respeito à importância dos conhecimentos de fonética e fonologia como ferramentas, que podem viabilizar o ensino de língua materna ao instrumentalizar o professor de saberes necessários ao entendimento de diversos problemas em torno da aprendizagem da leitura/escrita. Entender as variações apresentadas pelos estudantes nas produções textuais, a partir dos estudos das mudanças morfofonêmicas, neste caso, dos metaplasmos, também constitui-se uma das grandes contribuições da fonética e fonologia para a apreensão de determinados fatos da língua oral que são transportados para a escrita. Nesta acepção, procuramos analisar textos produzidos por alunos do 6º ano do ensino fundamental, a fim de observar a presença de metaplasmos e propor atividades que visem erradicar os problemas fono-ortográficos, bem como promovam a reflexão entre fala e escrita e conduzam à consciência fonológica.

Dos 15 textos analisados, apenas 2 não apresentaram problemas de ordem gráfica, fonética ou fonológica. Os demais, apresentaram alguns metaplasmos como veremos abaixo. Do mesmo modo como descrevemos os processos fonológicos anteriormente, procederemos à análise dos textos começando pelos metaplasmos por acréscimo ou inserção; depois os mecanismos de supressão; em seguida, analisaremos os metaplasmos por transposição e, por fim, os processos de transformação. Para melhor exemplificarmos, enumeramos os textos de 1 a 15. Os mesmos, se encontram no anexo deste artigo.

Conforme elucidado, os processos fonológicos de adição podem ocorrer por acréscimos de vogais, consoantes e glides. No texto 3, observou-se um processo de ditongação através da epêntese, inserção do /i/ na palavra três, como podemos perceber: “[...]”

deixou o bezerro mamar o seu peito por treis dias [...]”. Além de ser fenômeno bastante comum em textos escritos, a ditongação evidencia a interferência da oralidade na escrita, pois a pronúncia popular desenvolve uma semivogal, o que pressupõe ao professor de língua materna a sistematização de atividades que tragam paralelos entre a língua falada e a língua escrita. Outra ferramenta bastante útil é a resolução de caça palavras e o preenchimento de cruzadinhas de palavras que favoreçam a ditongação, pois permitirá ao estudante perceber a “sobra” de letras ou a inserção inadequada.

Ainda no que concerne à inserção, verificou-se a presença da paragoge, adição de consoante no final da sílaba, como se faz perceptível nos textos 1 “Eu entendir o texto que uma cachora pario setes cachorros [...]” e no texto 12 “Era a primeira vez na vida do rei mas air a ideia ficou toda Azul. [...]”. Em ambos os casos, constatou-se a inserção do /r/ no final da palavra, o que sugere-se a proposição de atividades de lista de palavras nas quais a inserção do /r/ provoque a mudança de sentido. Faz-se necessário ressaltar que nenhum processo de prótese foi detectado nos textos.

Nos textos também constatou-se a presença de metaplasmos por supressão. No texto 11, verificou-se a presença da síncope em: “Eu entedi que minha história era maravilhosa e fala sobre a carroça”, no qual há a perda de substância fônica do /n/ na palavra em destaque. Como sugestão de atividade para trabalhar a síncope, pode-se elencar exercícios de percepção da oposição/mudança de sentido trazida pelo apagamento de vogal ou consoante, como por exemplo: o apagamento do /r/ na palavra “carro”, pode originar a palavra “caro”, “careta” ao invés de “carreta”, dentre outros exemplos.

Outro mecanismo que caracteriza-se por supressão é a monotongação, quando dois segmentos vocálicos transformam-se em apenas um, por assimilação total da semivogal à base conforme pode ser visto no fragmento do texto 10: “a história fala que o menino estorou o dedo na porta da cozinha que ele foi correndo e quando ele chego na casa o pai viu o dedo do menino amarrado gaze, vermelha de mertiolate e a mae falo que ele na para em casa e porisso estorou o dedo [...] e ela falo qualquer hora se arrebenta a cabeça”. O professor de língua portuguesa pode trabalhar as mesmas atividades de ditongação, tais como caça palavras e cruzadinhas, além do ditado mudo ou de figuras que ilustrem palavras com propensão a serem monotongadas, além de quadro comparativo entre língua escrita e língua falada, lacunamento de textos/memória visual da palavra.

Nos textos analisados, também notou-se a presença do mecanismo de supressão do /r/ no final da sílaba, a apócope. Como exemplo, verificamos tanto no texto 1 “[...] e a mae faz um monte de coisas e ela falo qualquer hora se arrebenta a cabeça quero ver ele falar que

qualque hora ele vai se da mal [...]”, quanto no texto 15 “[...] ela ficou com muita raiva e ela não viu o tempo passa até quando o dia amanheceu [...]”. Percebe-se que o mecanismo da apócope é oposto ao da paragoge, pois enquanto no primeiro há a supressão do travador /r/ no final de sílaba, principalmente nas terminações verbais do infinitivo, na segunda, há a inserção. Embora sejam processos opostos, as atividades sistematizadas podem ser similares, tais como, lista de palavras (verbos no infinitivo) e percepção da mudança de sentido. Exemplo 1- o que acontece se retirar o R das seguintes palavras? BRINCAR = BRINCA; NADAR = NADA; CORRER = CORRE.

Como foi elucidado anteriormente, os metaplasmos de transposição podem ocorrer de três formas: transposição de consoantes ou vogais (comutação) ou de elementos suprasegmentais (hiperbibasmo). Nos textos analisados, este foi o fenômeno menos evidente, já que foram encontrados apenas três casos. Verificamos a presença da comutação no texto 9 "Autro: Ricardo Azevedo" e no texto 1 "[...]juma vez a carrocinha veio para pegalos e pedren-los. [...]”. Para melhorar a escrita e a oralidade de alunos que trocam as letras de posição, sugere-se que o professor trabalhe com trava línguas que tem por principal objetivo desenvolver a consciência fonológica por meio da exploração dos sons das palavras faladas e escritas.

Já o fenômeno do hiperbibasmo (troca de posição do acento tônico) foi detectado em apenas uma dos textos analisados: Texto 1 "[...]um deles au contrarío de lati ele miava". Neste caso, é interessante que o professor trabalhe com sílabas tônicas e aplique atividades que permitam com que os alunos reflitam e identifiquem a tonicidade das palavras. Sugere-se aqui, o trabalho com o *Dominó da Tonicidade*¹ que permite que o aluno perceba a ligação entre tonicidade, número de sílabas na palavra e acentuação gráfica.

Com relação aos metaplasmos por transformação, observou-se a presença da desnasalização no texto 12 “[...]E ele não queria contar para niguem. Desceu com ela para o jardim, correu com ela para todo o lugar. Sempre com igual alegria. Bricaram com ela até o rei adormecer.[...]”. Levando em consideração que se o aluno souber realizar a nasalização ele não vai deixar de fazê-la, apresenta-se como sugestão de trabalho uma atividade que envolve a nasalização. Primeiro passo: selecionar um poema narrativo que contém palavras nasais; Segundo passo: produção de um pequeno texto baseado na história que foi lida, usando as palavras que estarão em um banco de dados fixados na lousa contendo palavras nasais que

1

¹ Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=37877>

foram retiradas do texto anteriormente utilizado; Terceiro passo: solicitar a autocorreção através do banco de palavras; No quarto passo o professor vai trabalhar cada palavra que está no banco de dados relacionando a pronúncia e a escrita para que eles identifiquem o som nasal e as maneiras de grafá-lo.

A assimilação por vozeamento/sonorização que também faz parte dos metaplasmos por transformação também foi encontrada na análise. No texto 4 temos o seguinte exemplo “[...]A historia fala que os cachoros são nossos amigo, que devemos protegelo que as fezes os cachoro pode ser o melhor amigo do homem melho que o proprio home. Por isso nos temos que falorizar não só o afeto do cão como de outros animais seuvagem.[...]”. A sugestão para o trabalho em sala de aula envolve o jogo morto vivo usando palavras com ortografia referente a /f/ e /v/.

O professor deverá dispor os alunos enfileirados na horizontal. Cada estudante recebe uma palavra referente a ortografia de /f/ e /v/, neste exemplo usaremos as palavras faca e vaca. Cada estudante lê a sua palavra, mas não conta para o colega. O professor deverá fazer a seguinte voz de comando: Quem tem a palavra que se encaixa na frase, ficará em pé (vivo). “A... da fazenda da minha avó é bonita.”. Os alunos mostram as palavras que têm. Quem ficou em pé com a palavra faca sai do jogo e quem abaixou com a palavra vaca também. O jogo segue com novas frases e palavras até que sobre um só jogador. Após a brincadeira é interessante que o professor faça alguns questionamentos, por exemplo: Por que nos confundimos? Quais são as letras que têm sons parecidos? Vocês aprenderam alguma coisa com esta atividade? O quê? Justifiquem a resposta. O que vocês acharam de participar deste momento? Em seguida, o professor, registrará a atividade realizada. Poderá optar por fazer um texto coletivo: os alunos vão expondo suas ideias e ele vai registrando na lousa. A cada novo parágrafo construído o professor deve fazer, com ajuda dos alunos, as adequações necessárias. Ao final, os alunos, se quiserem poderão ilustrá-lo. É importante que no texto seja incluído o nome do jogo, seu/s objetivo/s e a opinião dos alunos sobre a atividade realizada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face às observações apresentadas acima, nota-se que muitas das dificuldades nas produções escritas são geradas pela interferência da oralidade mesmo diante das inúmeras particularidades gráficas e sonoras existentes entre ambas. Por isso, acredita-se que a falta de domínio dos conhecimentos fonéticos para a modalidade escrita conduz o indivíduo a aplicabilidade de desvios gráficos e marcas de oralidade na escrita e não tenha consciência

desta interferência. Outro fator importante a ser frisado, é a maneira descontextualizada com que a gramática normativa vem sendo cobrada nas aulas de língua portuguesa, que não favorece o crescimento do desempenho dos alunos em suas produções orais e escritas.

Vale ressaltar, que dentre os quatro processos de metaplasmos citados ao longo deste artigo, os mais evidentes nos textos analisados foram os metaplasmos por acréscimo e por supressão. Por isso, o professor deverá atentar-se para a aplicabilidade de práticas metodológicas que contemplem a conscientização dos alunos quanto aos parâmetros fonográficos.

Portanto, a abordagem de ensino em língua portuguesa deve ser abrangente e voltada não só para aspectos escritos da língua, mas sim para um ensino contextualizado da gramática que demonstre as particularidades tanto da oralidade como da escrita.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística, São Paulo: Contexto, 1997.
- BAGNO, Marcos. **Gramática histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília, 2007.
- BISOL, Leda (org). **Introdução aos estudos da fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 286 p.
- BORSTEL, C. N. V. A fonética e a prática de ensino aprendizagem. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 353-366, jul./dez. 2008. Disponível em: < <http://www.uepg.br/uniletras>.> Acesso em: 03 de mai. de 2016.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CARLETO, Eliana Aparecida. Ortografia – Uso de F e V. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25109>> Acesso em maio 2016.
- HORA, D. da. **Fonética e Fonologia**. UFPB, 2009. Disponível em <http://goo.gl/ecYlc>. Acesso em 25 de abr. de 2016.
- MAIA, E. A. M. **No reino da fala**: a linguagem e seus sons. São Paulo: Ática, 1985.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Contradições no ensino do português**. São Paulo: Contexto, 1997.
- MOURA, Júlia Virgínia. Sugestões de Atividades para Correção Erros Ortográficos. Disponível em <<http://soatividadesparasaladeaula.blogspot.com.br/2012/11/sugestoes-de-atividades-para-correcao.html>> Acesso em maio 2016
- SANTOS, Leonor Werneck dos. O ensino de língua portuguesa e os PCN. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 192 p.
- SEARA, Izabel et al. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. UFSC. 2011.
- SILVA, Alexsandro; MORAIS, Artur Gomes de. Ensinando ortografia na escola. In: SILVA, Alexsandro da, MORAIS, Artur Gomes de; MELO, Kátia Leal Reis de (Org.) **Ortografia na sala de aula**. – 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 1999. 254 p.

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXOS

Texto 1

Eu entendi o texto que uma cachorra pariu sete cachorros um deles ou contrabrio de lati ele miava quando ele estavam dormido ele miava, uma vez a carruinha veio para fugalos e Prude los arrou uma corda no processo de ligação puchou chogo - lar um monte de cachorro valentão.

Texto 2

O menino estourou o dente na porta do suco foi um corre-corre de mate quando o pai chegou ~~na~~ ao trabalho viu o dente estava amarelado com geze vermelho de mentolato o pai

Texto 3

O conto foi eu li ele fala de uma mãe que o seu filho bezerinho morreu e um bezerro perdeu a sua mãe e uma vaca teve uma ideia embrulha entre bezerros no corral do seu morreu e a mãe vaca que estava triste quando lembrou o bezerro e disse o bezerro morrer o seu peito Por tres dias e quando completou os tres dias a vaca descobriu que era o seu bezerro e criou o bezerro

Texto 4

A história que eu li fala sobre um cachorro e o seu amigo de carosinho, sobre a vida dos cachorros e que eles
 * Depois para ter um bom amigo também fala sobre *
 os humanos protegem seus animais.

A história fala que os cachorros são melhores ami-
 * go que os humanos protegem que os filhos do cachorro
 responde ser o melhor amigo do homem até
 melhor que o próprio homem.

[] ~~por isso mas~~
~~um que falava não se o tipo de cois~~
~~com de outros animais também~~ []

Texto 5

[]
 O menino conta que chegou da escola e foi
 para a sala de aula que chamou a mãe e nada sub-
 pondou, ele só chorou muito e chorou com um
 olho e a mãe chorou []

Texto 7

A Carroça dos Cachorros nome do autor: Lima
 Barreto.

Essa história fala de mocidade e que amava
 os animais e fala de um capuluto curioso era
 da carroça e dos cachorros []

[] as
 pessoas ama os cães sem dono e os tristes
 cães que andavam atoa por aí.

Texto 8

[]
 Até que um dia esse suzinto monstro ficou muito chato, temendo
 ele queria morder em todos os conselheiros de seu Filonem todos
 desesperados tentando fazer ele Para de dar o dem. em []

Texto 9

O fazendeiro Carunovo diz:
 - Parava eu Baixo a mãe no fogo está se mente
 no dia de São nunca todo mundo mente
 está valendo se te Parava a Perma nunca vici
 vai me passa a Perma de novo @ R
 ANTO RICARDO ASEVEDO

Texto 10

a história fala que o menino
 esteve o de no Porto do Coimbra
 que ele foi correndo e quando ele chegou
 na casa o pai ~~viu~~ viu o dedo de menino
 amarrado aoze, vermelho de mercurial
 e a mãe falou que ele na Porto em Porto e
 Perisso esteve o dedo e a mãe fez
 sem mente de Perisso e ele falou qualquer
 hora se arreliento a Caleo quer ver
 ele falou que qualquer hora ele vai de do
 mal do terno e nariz do Culeco e com
 de arrez no mesa do obgo e 200 que
 esquentero e 100 e ele levou a tesla
 e fala deia que o pai tanto de Per.

Texto 11

Eu sou de qui nunca história. Era para rir
 e fala sobre a caraca. do cachorro fala. que
 cachorro era muito a legu quando amonhio.
 e dia o cachorro era muito legu sempre
 o caraca lembrava. dos tempos ^{meio} tambe
 quando caraca tinha via chegando e Per
 ja gritoro a caraca tinha vem chegando

Texto 12


Era a primeira vez na vida do rei.
 mais air a ideia ficou toda azul

E ele não queria contar para ninguém. Descer
 com ela para o jardim, Dançar com ela para Grana
 e ele ia com ela para todo o lugar.

Sempre com a igual alegria. Brincaram com ela
 até o rei adormecer.

Estava com as portas de castelos e o silêncio.

_____ cada porta o rei parava pensava. Até chega sala do sarro.

Abriu na sala acochada os pés os pés do rei apunçavam até o tornozelo. 

Texto 13

O meu conto fala de duas Princesas, uma era louca e o outro muda. _____ Princesa se perde na floresta e ela acaba com muito sede e ela acha um furo para beber água e acaba quando no sono. _____

_____ o Princesa não percebe que está amolecendo e ele pega o seu alagão e vai para outro Reino e acha duas Princesas que era louca e sabia fazer tudo e no final as Princesas se casam.

Texto 14

_____ A cidade que ele morava não tinha rio, não tinha mar diz que aquela cidade era muito triste. A cidade que o José morava diz que isso tinha uma estrada grande. _____

Como o José sabia, ele quando os començava com nomes José lia todos os nomes.

Texto 15

as pessoas ficavam diferentes de cabeça virada esse pergunta vam porque ninguém sabia a ex plicação. Porque isso a cartesia pergunta vam sem encastrar a resposta. _____

a cabeça Passou e Parou no Pe de Uocuaru
 e pediu a eles frutas a cabeça mãe estava
 sabendo que era eles lá em cima eles deram
 a fruta e ela Passou numa carreira

ela ficou com muita raiva
 e ela mãe viu o tempo Passou até quando
 o dia amanheceu ela du nada saiu a voar
 e-la pros céu subiu, subiu e subiu ela desce
 e céu todos ficaram felizes Porque ela tin-
 ha sabido e disso Parecido e assim termino
 meu relato da história.